

Maria Helena de Moura Neves

A HISTÓRIA DE AGAMENON NA **ODISSEIA**

INTRODUÇÃO

A *Odisséia* oferece um interessante exemplo de história dentro de história. Num procedimento recursivo, a história de Agamenão vem inserida no tema central da epopéia. E não vem apenas como uma recordação de fatos, como um procedimento de simples retorno ao passado compondo uma superposição de planos de tempo, mas, realmente, aparece como exortação e paradigma, com muita força de sugestão e com real importância no grande complexo que é a gesta de Ulisses.

Diz A. B. Lord ⁽¹⁾ que os propósitos da épica são a história, o ensinamento e o entretenimento. O exemplo de Agamenão na *Odisséia* é bastante significativo tanto como história quanto como lição.

O poema quase se abre com o exemplo de Egisto lançado abertamente por Zeus, que admoesta os mortais. É a lição mais ampla, que se dirige a todos os homens, vinda daquele que chefia todos os deuses. E, como veremos no nosso exame, isso é de grande importância.

I — O PAPEL DA HISTÓRIA DE AGAMENÃO DENTRO DA **ODISSEIA**

Na verdade, a história de Agamenão aparece dentro de um tema maior, a história dos heróis de Tróia, na qual também se insere o tema central do poema, que é o retorno de Ulisses. Tanto os heróis que retornaram como os que não lograram fazê-lo exibem as possibilidades que existem para

(1) "Homer and other epic poetry" — In: Wace Stubbings ed. — *A Companion to Homer*. London, Macmillan, 1967, p. 205.

Ulisses, o derradeiro herói que luta pela volta à pátria e à família. Dessas possibilidades — naufrágios, anos de espera, morte no mar ou sobrevivência, malogro ou sucesso — umas se cumprirão, outras não. Dentre os Atridas, Agamenão é o que falhou no retorno; Menelau é o que teve tropeços, errou por terras estranhas, mas oferece a imagem do sucesso na volta ao lar. Outros heróis de Tróia pereceram no regresso. Outros, ainda, como Aquiles, pereceram gloriosamente no campo de batalha, e esse seria, na verdade, o modelo grego invejável; entretanto, já não se oferece como possibilidade para Ulisses: definitivamente ele *não teve* esse destino glorioso, e isso é lamentado.

A Telêmaco é apresentada, como sugestão para as possibilidades do futuro de seu pai, a imagem dos dois Atridas: a de Menelau — diretamente, com sua presença —, rico e feliz; de Agamenão — através de notícias —, falhado e destruído.

Embora saibamos que o fado de Ulisses será semelhante ao de Menelau e não ao de Agamenão, isso não se acentua no decorrer do poema. Pelo contrário, é a sorte de Agamenão que aparece como paradigma: Telêmaco, como Orestes, deve ser provado; Penélope, por sua vez, é o contra-exemplo de Clitemnestra. No final, do mesmo modo, o destino de Ulisses não é posto em paralelo com o de Menelau, mas contrasta com o de Agamenão.

A compreensão do fado de Ulisses, não isoladamente nem também apenas confrontado com os dos Atridas, mas situado no contexto geral dos outros heróis, é que dá a possibilidade de avaliação desse destino como o exemplo extremo de *nóstoi destiny* ⁽²⁾.

II — OS PONTOS DE INTERVENÇÃO DA HISTÓRIA DE AGAMENÃO

São seis os pontos em que aparece a história de Agamenão. Uma primeira grande divisão agruparia essas passagens segundo os autores das intervenções: na primeira e na segunda

(2) É o que diz Klingner, citado por Fenik, B. — *Studies in the Odyssey*. Wiesbaden, Steiner Verlag, 1974, p. 27.

falam deuses, na terceira e na quarta falam heróis; na quinta e na sexta fala o próprio Agamenão. Uma outra grande divisão agruparia segundo o momento em que aparecem: as quatro primeiras, na Telemaquia; a quinta, nas narrativas de Ulisses; a sexta, depois do retorno. Todas essas diferenças são significativas.

III — O CONTEÚDO DE CADA INTERVENÇÃO E SUA INTERPRETAÇÃO

É necessário o exame de cada passagem para que seja possível uma interpretação.

1.a — No Canto I, v. 29 ss., Zeus fala na assembléia dos deuses. Sabemos que o Canto I não é só a introdução mas também a antecipação da *Odisséia*; nele se põe todo o programa da obra, com a morte dos maus e insensatos e a volta de Ulisses sozinho. Já no início Zeus lança o exemplo de Egisto, morto pelo famoso Orestes, filho de Agamenão. É estimulado por essa recordação que ele fala. Egisto é tomado como paradigma da impiedade ⁽³⁾, e Zeus afirma que as desgraças humanas não vêm dos deuses, mas da insensatez dos homens.

O exemplo contém os seguintes dados: Egisto desposou a mulher do Atrida e matou a este logo após o regresso; sabia que uma morte cruel o aguardava, pois tinha sido avisado por Hermes, que o tentara dissuadir de cortejar Clitemnestra e de matar Agamenão, porque Orestes, quando adolescente, sentiria saudades da pátria e vingaria a morte do pai; mas Hermes não conseguiu vergar o ânimo de Egisto e este, agora, expiou seus crimes.

As palavras de Zeus, Atena responde que a morte de Egisto foi justa, e tira a lição: morra como ele todo o que praticar crimes da mesma espécie; a lembrança de Ulisses, porém, lhe confrange o coração.

Nessa passagem, o ponto de referência é sempre Egisto, e as outras personagens são referidas em relação a ele; é ele o sujeito natural das frases, que têm Agamenão e Clitemnestra apenas como complementos.

(3) ἥος καί νῦν Αἰγίσθος, v. 35.

2.a — No Canto I, v. 298 ss., Atena, disfarçada em Mentos, está como hóspede em casa de Telêmaco. Ela lhe fala da necessidade de expulsar os pretendentes. Telêmaco deve tomar providências: intimar os pretendentes a sair de sua casa; partir em busca de notícias de seu pai⁽⁴⁾; se o pai morreu, deve render-lhe as honras fúnebres e matar os pretendentes. Diz-lhe Atena: “Põe de lado os divertimentos infantis, que já não tens idade para isso”. (v. 296-297). E logo a seguir: “Ignoras acaso o grande renome que no mundo inteiro alcançou o nobre Orestes, que um dia fez perecer o pérfido Egisto, o assassino de seu ilustre pai? Também tu, amigo, belo e esbelto, sê corajoso, para que teus descendentes mais remotos te louvem”. (v. 298-303).

Os dados da história de Agamenão se restringem ao papel de Orestes. A única novidade que se acrescenta ao que já foi dito (v. 29 ss.) é que aqui aparece a consumação da vingança de Orestes, que tinha sido apenas profetizada. Entretanto, agora é a primeira vez em que os dados são apresentados a Telêmaco, e há repetição da referência a Egisto como assassino de Agamenão. Isso não é, porém, narrado como novidade para Telêmaco, pois Atena lhe pergunta se ele ignora o fato.

Essa passagem, que tem, como vimos, Telêmaco como ponto de referência, começa com Orestes como sujeito agente e Egisto como objeto da ação de Orestes; Agamenão só aparece indiretamente, como vítima de Egisto; Clitemnestra está ausente da referência.

3.a — No Canto III, v. 103-200, Telêmaco está como hóspede no palácio de Nestor, onde cumpre os conselhos de Atena. Pede a Nestor notícias do pai, e o velho herói fala das tribulações que sofreram em Tróia e fala de Ulisses, que a todos se avantajava em espírito. Fala da volta após o saque de Tróia e da discórdia que houve entre os Atridas, que deixaram de cumprir um dos preceitos divinos, realizando assembléia à noite, numa demonstração de insensatez humana. Conta a volta de alguns e a permanência de Agamenão. Ele, Nestor, veio direto a Pilo e não sabe quais entre os aqueus se salvaram e quais pereceram. Contará, entretanto, o que tem ouvido em seu palácio. Entre as informações estão as que se referem a Agamenão, as quais Telêmaco, segundo Nestor, já

(4) Interessante notar que ela o manda ir a Esparta, depois a Pilo — justamente onde lhe vai ser narrada a história de Agamenão.

terá ouvido contar: Agamenão regressou; Egisto lhe tinha preparado morte lamentável, mas sofreu expiação. Diz Nestor: “Bom é, a quem morre, deixar após si um filho” (196), pois Orestes vingou-se do assassino do pai. E exorta, como Atena: “Também tu, amigo, pois que te vejo tão belo e crescido, sê corajoso, para que a posteridade te elogie”. (v. 199-200). Telêmaco deseja que os deuses lhe dêem força para vingar-se dos excessos dos pretendentes, mas duvida que possa obter isso.

Logo a seguir (v. 230-238) Atena, disfarçada em Mentor, repreende Telêmaco por duvidar dos deuses. E novamente o caso de Agamenão é trazido a cena, pois ela usa o fim do chefe das tropas gregas como termo de comparação, dizendo que preferiria sofrer mil provações, antes de regressar a casa, a morrer quando chegasse ao lar, como Agamenão, traído por Egisto e pela esposa.

Telêmaco quer, então (v. 240-312), de Nestor, a descrição da morte de Agamenão: “Como morreu? Onde estava Menelau? Que espécie de morte havia premeditado contra ele o pérfido Egisto? (v. 248-250). “Não se encontrava Menelau em Argos de Acaia?” (v. 251). Nestor responde primeiramente a esta última pergunta e, na verdade, não chega a contar como foi a morte de Agamenão. Na sua resposta ele fornece os seguintes dados: se Menelau ainda tivesse encontrado Egisto vivo no palácio, seu cadáver não teria a terra por jazida; mas os gregos ainda realizavam seus feitos heróicos enquanto Egisto seduzia Clitemnestra; de início, Clitemnestra recusava o adultério, porque tinha sentimentos honestos e porque o aedo velava por ela, mas Egisto afastou o aedo e ela quis o que ele quis; ele a levou para casa e ofereceu sacrifícios pela grande façanha que realizara; enquanto isso, na volta de Tróia, a frota se dividiu e Menelau errou entre povos estranhos; enquanto Menelau acumulava riquezas, Egisto tramava seus crimes no palácio; após matar Agamenão, Egisto reinou em Micenas durante sete anos; no oitavo ano chegou Orestes, para sua desgraça, e o matou; nesse mesmo dia chegou Menelau com as naus abarrotadas de riquezas. Segue-se o conselho de Nestor: que Telêmaco não permaneça muito tempo afastado do lar, dos bens e do palácio; não suceda que os homens insolentes que lá estão devorem todo o seu patrimônio, depois de o repartirem; que ele vá logo, então, ter com Menelau.

Essa terceira passagem tem, pois, três partes:

Na primeira parte, fala Nestor; a história de Agamenão surge entre o relato da volta de Tróia. Aparece novamente a insensatez dos homens, que agravam seu próprio destino. A informação sobre Agamenão é rápida, e o único dado que se acrescenta é que Egisto tinha preparado o crime. Passa-se dos heróis a Agamenão⁽⁵⁾, mas imediatamente se resvala para a ação de Orestes. Orestes aparece como sujeito agente das frases; Egisto é objeto da ação; Agamenão é apenas elemento de introdução; Clitemnestra está totalmente ausente. Orestes é o *filho* que assume o papel do pai e, como tal, ele é paradigma para Telêmaco. E, como vimos, Nestor faz a mesma interpelação que Atena fizera diretamente a Telêmaco, recomendando-lhe que siga o exemplo de Orestes. Assim, parte que é da Telemaquia, essa passagem termina desviando o foco para Telêmaco.

Na segunda parte, Atena fala a Telêmaco, e a história de Agamenão surge apenas dentro de uma frase comparativa: “como Agamenão traído por Egisto e pela esposa” (v. 234-235). Agamenão aparece como termo de comparação, ao lado de uma frase que é quase uma profecia: “É fácil a um deus salvar um homem”. (v. 231); assim, a Ulisses não acontecerá o que aconteceu a Agamenão.

Na terceira parte, como vimos, Nestor fala por solicitação de Telêmaco, que quer os pormenores da morte de Agamenão. Vêm dados anteriores e posteriores ao crime, mas a respeito deste, mesmo, nada se diz. A referência a Agamenão⁽⁶⁾ introduz o relato; mas, nesse corpo de narrativa que tem como centro a morte do chefe dos gregos, o que surge são as ações de Menelau e Egisto, e, culminando, o papel de Orestes. Mais uma vez vemos o desvio do foco para Telêmaco, já que a passagem pertence à Telemaquia. Isso, aliás, vem muito naturalmente, pois, de fato, o crime de Egisto se resolve com a vingança de Orestes. Na interpretação de Nestor a Telêmaco há uma novidade: ao dizer que Telêmaco deve voltar ao lar, Nestor coloca-o no lugar de Ulisses; na história de Agamenão quem deve voltar é o próprio Agamenão; no conselho de Nestor, Telêmaco substituiria o pai, o que lembra a possibilidade de este não chegar a retornar. Nessa narrativa do velho herói — modelo épico do bem-falante — muitos dados se acrescentam à história de Agamenão, especialmente ante-

(5) “Quanto ao Atrida.....” — *Atreiden*” (v. 193).

(6) Ver nota 5.

cedentes do crime e fatos posteriores a ele: a sedução, o papel do aedo; a razão da ausência de Menelau; o reinado de Egisto; o tempo decorrido; o banquete fúnebre de Clitemnestra oferecido por Orestes. Observa-se que, pela primeira vez, são numerosas as referências à esposa traidora.

4.a — No Canto IV, v. 316-537 (especialmente a partir de 485), Telêmaco, no palácio de Menelau, depois de reconhecido, pede notícias do pai. Diz que sua casa está sendo devorada. Menelau se indigna com a insolência dos pretendentes e, em palavras proféticas, diz que Ulisses lhes infligirá ignominiosa morte. Narra, então, que fora retido no Egito por não ter oferecido as hecatombes rituais; que Idótea, filha de Proteu, o protegeu e lhe ensinou um artil para enganar o Ancião do Mar; este, vencido, perguntou-lhe o que pretendia; ele pediu notícias dos aqueus e Proteu lhe deu informações, entre as quais estas que se referiam a Agamenão: depois de muitas atribulações, Agamenão se aproximou do solo pátrio, mas o vigia de Egisto levou a notícia do regresso do chefe ao palácio; imediatamente Egisto concebeu o pérfido atentado: escolheu entre o povo vinte homens ousados e pô-los de emboscada perto da sala onde mandou que fosse preparado um festim; Egisto saiu e foi convidar Agamenão, trazendo-o para a morte, de que não suspeitava, e, durante o banquete, matou-o, como a um boi; nenhum dos companheiros do chefe grego sobreviveu, todos foram trucidados na grande sala. Menelau chora. Vêm, então, os conselhos de Proteu: nada ele lucrará com lágrimas; deve empenhar-se em chegar quanto antes à pátria; lá, ou o assassino ainda será encontrado com vida ou Orestes, tendo-se antecipado, já o terá matado e Menelau poderá, pelo menos, tomar parte no banquete fúnebre. E Menelau se reconforta.

Depois da narrativa de Menelau, Telêmaco lhe pede que não mais o retenha. Não é feito qualquer paralelo com a situação de Telêmaco, mesmo porque o relato tinha sido feito por Proteu a Menelau, e Proteu ainda não sabia da vingança de Orestes.

5.a — No Canto XI, v. 387-460, Ulisses conta a Alcino sua descida aos infernos. Depois de falar das sombras das mulheres, ele conta casos de companheiros que, após terem escapado à guerra de Tróia, “pereceram no regresso, vítimas da má vontade de uma criminoso mulher”. (v. 386). E conta que chegou a alma atribulada de Agamenão, em volta da qual

se congregaram as dos que pereceram com ele; interrogado por Ulisses sobre como morrera, relata: Egisto tramou contra ele a morte e foi quem o matou, auxiliado por Clitemnestra; convidara-o para seu palácio, recebera-o num festim e abateu-o como a um boi; seus companheiros foram chacinados, até o último, como porcos, num espetáculo horrível; Cassandra foi morta por Clitemnestra, a seu lado; Agamenão ainda ouviu a voz de Cassandra e tentou erguer as mãos, mas um golpe de espada o prostrou; Clitemnestra afastou-se e nem lhe fechou os olhos e os lábios. E Agamenão diz que nada há mais terrível e impudente do que a mulher que comete semelhante crime; ele pensava ser bem acolhido ao voltar, mas Clitemnestra lançou a infâmia sobre si e sobre as mulheres vindouras, até mesmo as mais honestas. E aconselha a Ulisses: que ele nunca seja manso com sua mulher; não lhe confie seus projetos. Diz que isso não acontecerá com Ulisses porque Penélope é sensata; ela amamentava um filho ainda pequeno quando eles foram para a guerra; agora esse filho já deve tomar assento na assembléia dos varões; feliz é ele, pois seu pai o verá ao retornar à pátria. Clitemnestra, porém, não permitiu que ele, Agamenão, visse seus filhos, e matou-o. Outro conselho: que Ulisses chegue à sua terra em segredo, porque ninguém pode confiar em mulheres. A seguir, Agamenão pede notícias de Orestes.

Nessa narrativa de Ulisses a Alcino, reproduzindo o relato de Agamenão, o foco é Clitemnestra. Isso se verifica de duas maneiras: primeiramente, porque todos os dados novos se referem a ela; em segundo lugar, porque as reflexões de Agamenão se concentram na infâmia das mulheres. Por isso, o paralelo que se estabeleceu é com Penélope. Orestes nem entra; aliás, Agamenão é quem pede notícias de Orestes: já não estamos na Telemaquia e o paralelo com Telêmaco está fora de causa. Os dados que Agamenão fornece são exclusivamente sobre o crime, pois, sendo o próprio morto, é o que lhe cabe saber; ele desconhece os preparativos, que era o que fazia o corpo das narrativas anteriores. Entretanto, um dado mais uma vez se repete: Egisto tramou. Na verdade, só Agamenão — ou um deus — poderia conhecer os pormenores do crime, já que não houve sobreviventes.

6.a — No Canto XXIV, v. 24-202, no Hades, encontram-se as almas de Aquiles, Agamenão, Ulisses e os pretendentes. Para facilidade de interpretação, podem ser numeradas as falas do diálogo que se estabelece:

1) Aquiles, diante de Agamenão, lamenta o fato de este não ter encontrado a morte em Tróia e ter tido, pelo contrário, a mais deplorável das mortes; se tivesse morrido em Tróia, os panaqueus lhe teriam erigido um túmulo e ele teria legado a seu filho grande herança de glória.

2) Agamenão responde que Aquiles ainda jazia morto nos campos de Tróia enquanto em volta dele eram feridos de morte os aqueus e troianos. Depois Zeus pôs fim à luta por meio de uma tempestade, os aqueus cuidaram do corpo de Aquiles; ele recebeu todas as honras fúnebres — as quais são pormenorizadamente descritas — e sua glória não pereceu. Ele próprio, porém, Agamenão, teve fim lastimoso às mãos de Egisto e de uma pérfida mulher.

3) Pouco depois, Agamenão se dirige a Anfimedonte, um dos pretendentes que, justicados por Ulisses, vêm chegando ao Hades, e lhe pergunta por que esses homens todos da mesma idade aí baixaram.

4) Anfimedonte responde relatando o massacre dos pretendentes.

5) Aquiles fala a Ulisses: feliz é Ulisses que teve uma esposa fiel; muito diferente era Clitemnestra, que premeditou criminosas ações para entregar seu esposo à morte, e adquiriu triste reputação entre as mulheres.

Diz Fenik⁽⁷⁾ que esse trecho forma um "pattern" de alternância de falas longas e curtas. É uma sucessão de perguntas e respostas em que encontramos o contraste dos fados de Aquiles, Agamenão e Ulisses:

1) Aquiles (11 versos, 24-34) pergunta a Agamenão sobre Agamenão (introduz o tema de Agamenão).

2) Agamenão (62 versos, 36-97) responde sobre Aquiles.

3) Agamenão (14 versos, 106-119) pergunta a Anfimedonte sobre os pretendentes.

4) Anfimedonte (70 versos, 121-190) responde sobre Ulisses.

(7) Op. cit. p. 148-149. Para o arranjo das falas, Fenik cita Bassett, S.E.

5) A gamenão fala a Ulisses (11 versos, 192-202) sobre Agamenão, fechando o tema lançado em 1).

As duas primeiras falas nos conduzem à queda inglória de Agamenão, através do contraste com a gloriosa morte de Aquiles. A pergunta de Aquiles a Agamenão sobre o fim deste — fim inglório —, vem a resposta sobre o fim daquele — fim glorioso. A descrição que se apresenta é a do fado de Aquiles, mas, nitidamente, Agamenão coloca os fatos em contraponto à sua sina. No final da sua fala, ele deriva explicitamente para sua própria história, e, mais uma vez, só tem um pensamento: Clitemnestra.

As outra duas (3 e 4) apresentam o retorno cheio de sucesso de Ulisses. A pergunta de Agamenão a Anfimedonte sobre os pretendentes, segue a resposta sobre Ulisses.

Fechando o bloco, a fala de Agamenão a Ulisses (5) volta ao tema lançado na primeira pergunta (1), que é exatamente a história de Agamenão, e conclui através de uma comparação com a sorte mais feliz de Ulisses.

Há, pois, nitidamente, o paralelo dos fados dos três heróis, e exatamente o de Agamenão — vitorioso chefe dos gregos — é que fica em triste posição singular, contrapondo-se ao dos que, de um modo ou de outro, obtiveram glória.

Percebe-se nesse trecho, por trás desse confronto mais nítido, ainda um paralelo sugerido: o de Agamenão com os pretendentes, um e outros tristemente mortos e privados de honras. A própria construção das frases acentua esse paralelo: diz Aquiles (1) que os panaqueus teriam erigido⁽⁸⁾ um túmulo a Agamenão; diz Anfimedonte (4) que os amigos dos pretendentes lhes teriam prestado⁽⁹⁾ honras fúnebres; tristemente, nada disso ocorreu.

Numa regularidade notável, as sinas gloriosas — a de Aquiles e a de Ulisses — não são relatadas pelo próprio herói,

(8) *tó ken t ýmbon mén epoiesan Panakhanoí*, v. 32.

(9) *hoi k' aponípsantes mélama bróton eks oteiléon kathémenei goáoién*, v. 189-190.

enquanto as tristes sinas de Agamenão e dos pretendentes são lastimadas por eles mesmos.

Nesse trecho do Canto XXIV, pela primeira vez a história de Agamenão se põe paralelamente à história de Ulisses depois do retorno deste. Então, é aqui que mais se pode comparar o tema do retorno nos dois casos, e é aqui que se completam os paralelos entre Ulisses e Agamenão e entre Penélope e Clitemnestra. Egisto sai completamente do tema; sai também Orestes, pois a vingança foi de Ulisses, não de Telêmaco: Ulisses não morreu e retornou glorioso.

Pelo motivo óbvio de Ulisses já ter regressado, esse retorno, que estivera em causa em todas as outras passagens que examinamos, só entra agora, nessa passagem do Canto XXIV, como elemento de contraste colocado e discutido por essas almas do Hades. Inverte-se a posição dos elementos; aquela história de Agamenão que se punha desde a Telemaquia como paradigma para a história de Ulisses vem para centro de causa. Já vimos que esse grupo de cinco falas se abre (1) com o questionamento da sina de Agamenão e com ele se fecha (5). A sina de Ulisses é que então se torna elemento de comparação: sendo uma entre duas gloriosas (também a de Aquiles), ela contrasta com o fim de Agamenão. Isso nos parece ter grande importância, como veremos mais adiante.

IV — A COMPLEMENTARIDADE DOS DADOS

Percorrendo-se as seis intervenções, pode-se verificar como se vão acrescentando os dados da história de Agamenão. Com o registro apenas dos dados novos pode ser composta a apresentação da história⁽¹⁰⁾:

1.a — Egisto desposou a mulher do Atrida e o matou. Os deuses o haviam dissuadido de lhe cortejar a esposa porque Orestes tiraria vingança. Egisto expiou seus crimes.

2.a — Orestes fez perecer o pérfido Egisto.

3.a —

(10) Quando, para compor a frase, tivermos necessidade de referir dados já referidos, eles serão colocados entre barras.

— Primeira parte da fala de Nestor: Agamenão regressou. Egisto lhe preparara a morte.

— Segunda parte da fala de Nestor: Os gregos ainda realizavam seus feitos enquanto Egisto seduzia Clitemnestra; esta, inicialmente, recusava; Egisto afastou o aedo que a vigiava e ela quis o que ele quis; ele a levou para sua casa e ofereceu sacrifícios pela façanha; na volta de Tróia a frota se dividiu e Menelau errou entre povos estranhos; Menelau acumulava riquezas enquanto Egisto tramava seus crimes; /após matar Agamenão/ Egisto reinou em Micenas durante sete anos; no oitavo ano chegou Orestes /e o matou/; nesse mesmo dia chegou Menelau com as naus abarrotadas de riquezas.

4.a — O vigia de Egisto levou a notícia do regresso de Agamenão ao palácio; Egisto pôs vinte homens de emboscada perto da sala onde mandou preparar o festim; Egisto foi convidar Agamenão; matou-o durante o banquete; nenhum dos companheiros de Agamenão sobreviveu.

5.a — Egisto foi auxiliado por Clitemnestra; Cassandra foi morta ao lado de Agamenão; este ainda tentou erguer as mãos, mas um golpe de espada o prostrou; Clitemnestra nem lhe fechou os olhos e os lábios.

6.a — Não há dados novos. O que há é uma interpretação do destino de Agamenão à luz do destino de Ulisses e de Aquiles.

O maior volume de dados novos está no relato do bem-falante Nestor (3.a, segunda parte). Na narrativa de Menelau (4.a), como os dados são fornecidos por Proteu e, portanto, são antigos, há um recuo, e as informações param em um ponto anterior à vingança de Orestes, sendo Menelau exortado a vingar o irmão. Na fala de Agamenão (5.a), como já acen- tuamos, vêm, na boca da vítima, os pormenores do crime, não dos preparativos, e os dados novos se relacionam com Clitemnestra.

V — OS TIPOS EM QUE PODEM SER ENQUADRADAS AS INTERVENÇÕES

O primeiro par de intervenções são discursos de personagens divinas. Na primeira, de Zeus, a referência à história

de Agamenão abre o discurso e ilustra uma advertência à humanidade. Na segunda, a de Atena, a referência culmina o discurso e insere-se numa advertência a Telêmaco.

O segundo par de intervenções tem como autores heróis gregos. Ambas são narrativas delegadas: um personagem é o narrador. A intervenção de Nestor se fragmenta em duas partes: na primeira, ele narra de segunda mão, pelo que ouviu dizer — pois traz fatos que não poderia ter presenciado —, e a referência à história de Agamenão culmina a narrativa, constituindo uma advertência a Telêmaco; na segunda, a história de Agamenão aparece de ponta a ponta, embora o foco narrativo se concentre em Egisto e Menelau; nela se encontra o maior número de dados sobre o caso — embora nada se diga ainda do crime — e o conselho a Telêmaco é a culminância. A intervenção de Menelau é uma narrativa mais de uma vez delegada: um personagem — Menelau — narra o que outra — Proteu — lhe narrou; na narrativa estão, principalmente, Agamenão e Egisto, e chega-se, finalmente, ao crime. Há, pois, um movimento centrípeto a partir da narrativa de Nestor; mas Proteu, pára no crime, pois não sabe da vingança de Orestes; assim, há, através dessa narrativa, uma volta atrás na faixa focalizada da história de Agamenão; Nestor já chegara a um ponto mais adiantado e culminara suas palavras com a exortação a Telêmaco. Agora a fala de Proteu tem sua culminância numa exortação a Menelau. Na fala de Menelau não há culminância; ele não lança conselho ou exortação a Telêmaco, mas este, por si mesmo, se apressa a voltar. A própria presença de Menelau, que traz a imagem do regresso vitorioso, teria agido como exortação? Não nos esqueçamos de que ainda se está na Telemaquia.

No terceiro par de intervenções, fala o próprio Agamenão. A primeira é uma narrativa mais de uma vez delegada: um personagem — Agamenão — narra (a Alcino) o que outra — Ulisses — narrou; a culminância é o conselho a Ulisses, e o foco é Clitemnestra. A segunda aparece num contexto totalmente diferente de todas as anteriores: Ulisses já retornou. Não só Agamenão fala mas também Aquiles e Anfimedonte; são, pois, narrativas delegadas, e elas nos trazem o final da história de Agamenão, da história de Aquiles e da história de Ulisses, tudo culminando com esta idéia: “feliz é Ulisses”.

VI — A HISTÓRIA DE A GAGENÃO NA ODISSÉIA E A TÉCNICA DA NARRATIVA

Um dos procedimentos característicos da narrativa na *Odisséia*, a seqüência de fatos em simples coordenação, aparece também na história de Agamenão, que é uma narrativa dentro da narrativa. De todas as passagens em que a história de Agamenão é trazida ao poema, a mais caracteristicamente narrativa é a segunda parte da fala de Nestor. E é aí que temos exemplos da técnica, tantas vezes empregada em todo o poema, de alinhar os fatos pelo procedimento da coordenação: 'nós realizávamos feitos heróicos..... ele (Egisto) seduzia Clitemnestra⁽¹¹⁾; "e ela de início recusava..... ele afastou o aedo..... e ela tendo querido o que ele quis, ele a levou para casa"⁽¹²⁾; "assim Menelau errava com suas naus e amontoava riquezas; durante esse tempo Egisto"⁽¹³⁾.

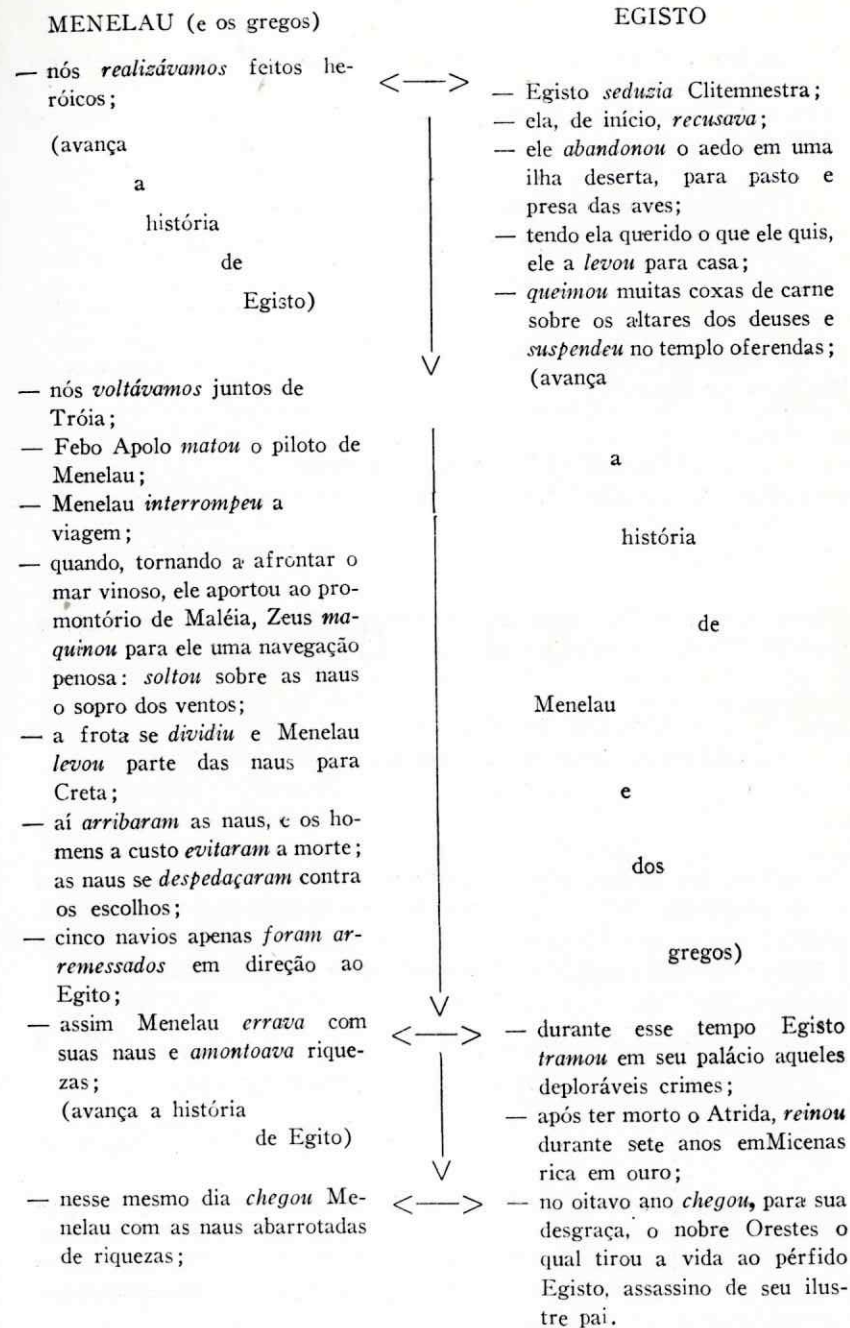
No desenrolar dessa narrativa vão surgindo informações paralelas sobre Menelau e sobre Egisto, pois os detalhes que Telêmaco pediu a Nestor se referiam aos dois. Assim, a história de um vem ligada à história do outro. Quando Nestor inicia com "nós realizávamos feitos heróicos ele seduzia Clitemnestra", nesse pronome de primeira pessoa do plural já está incluído Menelau. No encaminhamento das informações sobre Menelau e Egisto — apresentadas, preponderantemente, em coordenação, como vimos — o jogo dos tempos verbais constitui um recurso básico; imperfeito e aoristo se alternam para que a narrativa dos fatos referentes a um deles espere pela narrativa dos fatos referentes ao outro. Num esquema pode-se observar como o uso do aoristo faz sucederem-se os fatos de aspecto pontual enquanto o imperfeito mantém a duração de um fato na outra narrativa; ou como dois fatos de certa duração — um de cada narrativa — se justapõem com verbo no imperfeito⁽¹⁴⁾:

(11) $\bar{h}e\bar{m}e\bar{i}s\ \bar{m}e\bar{n}$ (v. 262)..... $h\bar{o}\ \bar{d}e$ (v. 263).

(12) $\bar{h}e\ \bar{d}e$ (v. 265).... $\bar{t}o\bar{n}\ \bar{m}e\bar{n}$ (v. 270).... $\bar{t}e\bar{n}\ \bar{d}e$ (v. 272). Ver, em seqüência: $\bar{t}e\bar{n}\ \bar{d}e$ (v. 272).... $\bar{p}o\bar{l}\bar{l}\bar{a}\ \bar{d}e\ \bar{m}e\bar{r}\bar{i}\ \bar{e}\bar{k}e\bar{e}$ (v. 273).... $\bar{p}o\bar{l}\bar{l}\bar{a}\ \bar{d}'\ \bar{a}g\bar{a}\bar{l}\bar{m}\bar{a}\bar{i}'\ \bar{a}\bar{n}\bar{e}\bar{p}\bar{s}\bar{e}\bar{n}$.

(13) $\bar{h}o\bar{s}\ \bar{h}o\ \bar{m}e\bar{n}$ (v. 301).... $\bar{t}o\bar{p}h\bar{r}\bar{a}\ \bar{d}e$ (v. 303). Ver, em seqüência: $\bar{d}e\bar{d}\bar{m}e\bar{t}o\ \bar{d}e$... (v. 304); $\bar{h}e\bar{p}\bar{t}\bar{a}\bar{e}\bar{t}\bar{e}\bar{s}\ \bar{d}'\ \bar{e}\bar{n}\bar{a}\bar{s}\bar{s}\bar{e}$ (v. 304); $\bar{t}o\bar{i}\ \bar{d}e\ \bar{h}o\bar{i}\ \bar{o}g\bar{d}o\bar{a}\bar{t}o\bar{i}$ (v. 306); $\bar{e}\bar{t}o\bar{i}\ \bar{h}o$ (v. 309); autêmar $\bar{d}e\ \bar{h}o\bar{i}\ \bar{e}\bar{i}\bar{t}\bar{h}e$ (v. 311).

(14) Traduzimos o aoristo pelo pretérito perfeito e o imperfeito pelo pretérito imperfeito; apenas resumimos os fatos, não há citação textual.



Unem-se aí, pois, através de um fato ocorrido num mesmo dia determinado, e expresso em aoristo ($\bar{e}\bar{l}\bar{u}\bar{t}\bar{h}e$, v. 306 e $\bar{e}\bar{l}\bar{t}\bar{h}e$, v. 311) as duas histórias que tinham sido desenvolvidas paralelamente, apoiadas nos recursos de expressão aspectual dos tempos de passado.

Nessa mesma narrativa é digno de observação o emprego de clichês, técnica característica da composição formular. Nestor encerra a primeira parte de sua narrativa com os versos:

....., *epei kai keinos etisto patrophonea,*
Aigisthon dolómētin, hó hoi patéra klytón ékta

(C. III, V. 197-8)

E, na segunda parte de sua narrativa, assim ele encerra a história de Egisto:

....., *katá d' éktane patrophonea*
Aigisthon dolómētin, hó hoi patéra klytón ékta

(C. III, v. 307-8)

Esses versos podem ainda ser comparados com os seguintes, que pertencem à intervenção de Atena, no Canto I:

....., *epei éktane patrophonea*
Aigisthon dolómētin, hó hoi patéra klytón ékta

(C. I, v. 299-300)

Se, ainda, for observada a seqüência desses versos no Canto I e na primeira parte da narrativa de Nestor no Canto III, verifica-se a existência de um complexo formular que se repete, como um refrão. É a exortação a Telêmaco:

kai s' y' philos — mála gár s' horoo kalón te mégante, —
álkimos éss', hina tis se kai opsigónōn éy eipei.

(C. I, v. 301-302; C. III, v. 199-200)

Ainda na narrativa de Nestor há um procedimento que merece ser observado. Trata-se do que Hölscher⁽¹⁵⁾ chama de "arte de distração". No verso 248 do Canto III, Telêmaco pergunta a Nestor como morreu Agamenão. A essa primeira

(15) Citado por Fenik, op. cit. p. 56.

parte da questão Nestor não responde e, em vez disso, descreve a sedução de Clitemnestra, a partida dos gregos de Tróia, as viagens de Menelau e seu regresso a Esparta, aonde ele chega justamente depois que Orestes se vingou de Egisto. O fato de Nestor não responder é um artifício para reservar a história do assassinio de Agamenão para o canto seguinte, onde ele é narrado por Menelau. Note-se que, quando termina a narrativa do muito falante Nestor, o sol se pôs (observe-se que nascera quando Telêmaco chegara a Pilo) e Telêmaco, assim como a audiência, já não tem mais interesse naquela questão sobre Agamenão.

Merece observação, ainda, o cuidado com a onisciência do personagem-narrador: o poeta ressalva que Nestor não conta o que viu, mas o que ouviu. Também por esse motivo ele não poderia dar os pormenores do crime, de que não houve sobreviventes; Menelau, sim, poderá narrá-los, pois soube-os de uma divindade, em quem a onisciência está justificada.

Particularmente interessante, no exame das narrativas dentro da *Odisséia* é a técnica da complementaridade de dados entre os relatos de mais de um narrador. Diz Fenik⁽¹⁶⁾ que essa técnica de apresentar uma história em duas narrativas, com uma completando a outra, é especialmente característica da *Odisséia*. E isso que ele chama de "uma espécie de costura"⁽¹⁷⁾ ocorre quando Telêmaco recebe notícias acerca da guerra, de Nestor e de Menelau. Nestor traz alguns fatos (a partida dos gregos, as viagens de Menelau e parte do assassinio de Agamenão) e Menelau traz outros (a morte de Ajax, parte do assassinio de Agamenão e a cilada de Ulisses). Os dois contam, pois, coisas diferentes e, mesmo quando falam da mesma coisa — o assassinio de Agamenão —, cada um preenche uma parte da história, a qual só está completa quando os dois relatos são tomados juntos.

É dessa técnica que será tentada uma visão, através da montagem seguinte⁽¹⁸⁾:

(16) *Op. cit.*, p. 122.

(17) *Op. Cit.*, p. 122.

(18) Não há citação textual, apenas resumo dos fatos.

Convenção:

- a — a f — foco: os gregos; I — a VIII — foco: Agamenão;
 A — a L — foco: Egisto; I — a 7 — foco: Menelau;
 Com grifo: dados que se repetem.

CANTO III — VISITA A NESTOR

1.a parte

OS GREGOS — VOLTA DA GUERRA (Nestor narra por si)	HISTÓRIA DE A GAMENÃO (Nestor narra por ter ouvido)
a — tribulações em Tróia b — saque de Tróia; c — discórdia entre os Atridas; d — volta de alguns (Nestor) e permanência de Agamenão;	III — Agamenão regressou; E — Egisto tinha preparado morte lamentável para Agamenão; VIII — L — Egisto sofreu expiação; Orestes vingou-se;

EXORTAÇÃO A TELÊMACO : SER COMO ORESTES ⁽¹⁹⁾

2.a parte

OS GREGOS — MENELAU	HISTÓRIA DE AGAMENÃO (através de Egisto)
e — os gregos realizavam ainda feitos heróicos;	A — e Egisto seduzia Clitemnestra; B — de início ela recusava: — por sentimentos honestos; — pelo aedo; C — Egisto afastou o aedo, e ela quis o que ele quis; D — ele a levou para casa; E — durante esse tempo, Egisto tramou seus crimes no palácio; VII — J — após matar Agamenão, reinou durante sete anos;
1 — os gregos voltavam de Tróia; o piloto de Menelau morreu e Menelau teve uma navegação penosa; a frota se dividiu e uma parte foi destruída;	
6 — Menelau errou entre povos estranhos acumulando riquezas;	
7 — nesse mesmo dia chegou Menelau com as naus cheias de riquezas;	VIII — L — no oitavo ano chegou Orestes e o matou;

CONSELHO A TELÊMACO: NÃO FICAR TANTO AUSENTE
(como Agamenão)

(19) Há um reforço dessa exortação feito por Atena (v. 230 ss.); ela usa o fim de A gamenão como termo de comparação.

Canto IV — VISITA A MENELAU

HISTÓRIA DE MENELAU (Menelau narra por si)	HISTÓRIA DE AGAMENÃO (Proteu narra pela boca de Menelau)
2 — Menelau foi retido no Egito (falta de hecatombes); 3 — Idótea (filha de Proteu) o protegeu; 4 — vencido, Proteu lhe ofereceu dizer o que ele pretendia saber; 5 — ele pediu notícias dos aqueus;	I — depois de muitas atribulações Agamenão aproximou-se do solo pátrio; II — o vigia de Egisto (de sentinela há um ano) levou a notícia do regresso de Agamenão ao palácio; E — imediatamente Egisto concebeu o pérfido atentado; F — escolheu vinte homens ousados e pô-los de emboscada perto da sala onde mandou que fosse preparado o festim; IV — G — saiu e foi convidar Agamenão; V — H — trouxe-o para a morte de que ele não suspeitava;
OS GREGOS (Proteu narra pela boca de Menelau)	

f — nenhum dos companheiros de Agamenão sobreviveu; todos foram trucidados na grande sala. <—> VI — I — durante o banquete, matou-o como a um boi;

Observa-se que, tanto no Canto III como no Canto IV, predominam as referências a Egisto, não a Agamenão. Isso

tem sua justificativa no fato de que o que se pretende é mostrar a Telêmaco o que pode ocorrer durante a ausência de Ulisses, e também do próprio Telêmaco; por isso está mostrado tudo o que Egisto urdia no palácio; Agamenão, afinal, é figura passiva nessa história ⁽²⁰⁾.

Analisando essa montagem, vários fatos significativos são notados:

1.º A série 1— a 7— (Menelau) une-se às outras duas séries, A— a L— (Egisto) e I— a VIII— (Agamenão), por uma indicação de tempo: “nesse mesmo dia chegou Menelau”

/
(autemar dé...., v. 311).

2.º No fim da narrativa de Nestor juntam-se os dados 7— (Menelau), VIII— (Agamenão) e L— (Egisto); tanto no fim da primeira como da segunda parte há os dados VIII— e L— (referentes à vingança de Orestes).

3.º O último dado sobre Menelau (7—) é no discurso de Nestor, não no de Menelau.

4.º Correm paralelos, a partir de certo ponto, os dados IV— a VIII— (Agamenão) e G— a L— (Egisto), os quais se referem à execução do crime e, portanto, envolvem igualmente Agamenão e Egisto.

5.º Juntam-se, no fim do relato de Menelau, os dados f— (os gregos), VI— (Agamenão) e I— (Egisto); não são os fatos finais da narrativa referente a Agamenão nem da referente a Egisto, mas são exatamente os dados do momento do crime; há dados sobre Agamenão e sobre Egisto que vão além do crime, mas eles estão inseridos na narrativa anterior, a de Nestor.

Quanto à composição do diálogo da segunda *Nekya*, no Canto XXIV, é interessante lembrar o que diz Fenik ⁽²¹⁾, citando Bassett, sobre o “pattern” de alternâncias de falas longas e curtas apresentando um confronto dos fados de Aquiles, Agamenão e Ulisses, o qual se abre e se fecha com a história de Agamenão. A seqüência alternada de fala curta

(20) Lembremo-nos de que a epopéia começa com o exemplo de Egisto.

(21) *Op. cit.*, p. 149.

e fala longa cai em pares que põem os fados dos heróis um contra o outro e traçam a necessidade moral. Essa repetição alternada mantém a ênfase e os contrastes, e, provavelmente, funciona também como uma espécie de compasso para o poeta orientar-se, sendo, pois, particularmente útil ao poeta oral. O vigor da narrativa não se perde, e também não se cria a impressão de uma regularidade grosseira ⁽²²⁾.

VII — OS MODELOS, PARALELOS E CONTRASTES

Se a história dentro da história aparece, acima de tudo, como exortação e paradigma, ela traz modelos e compõe paralelos que dão dimensão às lições que a história encerra.

O primeiro modelo que se oferece — modelo para ser evitado — é Egisto. Nitidamente introduzido como comparação ⁽²³⁾, esse modelo de impiedade é dado por Zeus a todos os homens.

O segundo modelo que aparece é construtivo. Vem na Telemaquia, fornecido por Atena (C. I) e por Nestor (C. III) a Telêmaco, como exortação. Esse modelo é Orestes, exemplo de coragem que deve ser seguido por Telêmaco para que seus descendentes o louvem (C. I) e a posteridade o elogie (C. III).

Vários são os paralelos. Agamenão é posto ao lado de Telêmaco quando Nestor (C. III) diz ao filho de Ulisses que não permaneça muito tempo fora de casa; como não se sabe se Ulisses regressará, que regresse Telêmaco. Clitemnestra é posta em contraste, pelo seu caráter, com a sensata Penélope (C. XI), e a sorte de Agamenão contrasta com a de Ulisses (C. X). Por outro lado, Agamenão e os pretendentes têm o paralelismo de sua sorte apontado (C. XXIV).

(22) “The ordering is simple — short speech, long speech, short speech, etc., with long and short falling into pairs that set the heroes’ fates against one another and draw the necessary moral. Alternating repetition of the sort performs an elementary but useful function in supporting the desired emphases and contrasts, and probably also as a kind of compass for the poet to keep himself oriented in his narrative and to insure both order and pleasing variation. It is just this sort of repetition and basic symmetrical ordering that would be useful to an oral poet as he put his scene together”.

/
hos kaí nyn Aígisthos, v. 35; mnesato gár thymón amm ýmonos Aigisthoio, v. 29.

É interessante notar que o poema começa com a impiedade de Egisto, mas, no final, essa impiedade não é confrontada com a dos pretendentes. Isso poderia plausivelmente ter ocorrido, pois, pela impiedade, é lastimoso o fim de Egisto, como é o dos pretendentes. Entretanto, os pretendentes são colocados em contraste com Agamenão. Poderíamos dizer que ao tema da impiedade sobreleva o do retorno? Na verdade, quanto a esse tema, temos que o retorno de Agamenão significou o seu próprio fracasso, enquanto o de Ulisses significou o fracasso dos pretendentes.

VIII — OS MOMENTOS DA INTRODUÇÃO DA HISTÓRIA DE AGAMENÃO

É particularmente importante a verificação dos momentos em que a história de Agamenão é introduzida.

Mais uma vez convém o exame de cada intervenção:

1.a (C. I, v. 29 ss.) — A narrativa de Agamenão é colocada como paradigma para as ações na *Odisséia* desde o início do poema, logo após a invocação e o resumo dos acontecimentos até então, referentes a Ulisses e seus companheiros. Destaca-se o fato de Ulisses estar lutando pelo regresso; de seus companheiros, o fato que também é posto em evidência é o regresso: uns não conseguiram, pereceram por impiedade; outros já estão na pátria.

Ora, entre os companheiros, o de maior evidência era Agamenão, o chefe das tropas. Então, imediatamente após, é bastante natural que dele se trate. E justamente acentua o caráter paradigmático da lembrança o fato de ela vir na palavra de Zeus, que fala estimulado pela “recordação do irrepreensível Egisto, morto pelo famoso Orestes, filho de Agamenão” (v. 29-30). Entretanto, o ponto de referência é Egisto, não Agamenão. Ao tema do regresso sobreleva, aí, o da impiedade, essa que impediu a muitos o retorno. Do regresso, propriamente, de Agamenão, só diz Zeus que Egisto matou o chefe das tropas gregas “logo após o regresso” (v. 36). Isso ocorre porque não temos ainda aí uma *narrativa* da história de Agamenão, a qual só ocorrerá com Nestor (C. III).

Ulisses — que, lutando pelo regresso, seria paralelo a Agamenão, não a Egisto — é introduzido, nesse momento,

por contraste, e entra através do motivo da impiedade. Diz Atena: “Morrão os que praticarem tais crimes, mas meu coração se confrange por Ulisses, que há tanto tempo sofre...” (v. 47-48). Como o ponto de contacto é a impiedade — e é um deus que fala —, não podia deixar de aparecer o motivo da advertência e omissão, um motivo recorrente na *Odisséia*. Ele não vai aparecer quando falam Nestor e Menelau porque, naqueles pontos, a lição será especialmente para Telêmaco (tema do regresso, da vingança etc.) e não como aqui, para o *homem* em geral, e vinda de um deus.

2.a (C. I, v. 298 ss.) — Orestes aparece como modelo, justamente no momento em que Atena trata da entrada de Telêmaco na vida adulta. Atena manda-o buscar informações em Pilo e Esparta, justamente onde lhe será narrada a história de Agamenão. Esse será um verdadeiro ritual de iniciação para Telêmaco, com sua provação e catequização.

3.a (C. III, v. 103-200) —

a) Na primeira parte da fala de Nestor, Orestes busca informações sobre o pai. O que está em evidência é o tema do regresso. Vem, então, a história de Agamenão, agora como narrativa. Entretanto, essa narrativa ainda quase nada diz: é mais uma lição que uma história, lição para Telêmaco, o jovem que passa por provações porque está amadurecendo para a vida adulta; sua iniciação é nitidamente confrontada com a de Orestes, e essa é a origem da exortação que Nestor lhe faz.

b) Atena intervém porque Telêmaco demonstra que lhe faltam forças. Nestor acabara de sugerir-lhe que talvez seu pai regressasse um dia para pôr fim às insolências dos pretendentes. Isso significa que não era de Telêmaco que Nestor esperava isso, e, de fato, não será o filho de Ulisses que cumprirá esses atos, muito embora ele apareça geralmente em paralelo com Orestes. E não vai ser Telêmaco o vingador porque, como veremos, vai haver uma grande diferença entre o regresso de Ulisses (marcado pela vitória e pela vida) e o de Agamenão (marcado pela derrota e pela morte).

Nessa intervenção, Atena diz que preferiria sofrer muitas provações a morrer como Agamenão. E, na verdade, é o que vai ocorrer: Ulisses sofrerá muitas provações, mas não terá

o fim de Agamenão, traído e morto. Atena, assim, já prevê o que ocorrerá, mas Telêmaco ignora.

c) Telêmaco, convencido da impossibilidade de tal felicidade — seu pai voltar e vingar-se dos pretendentes — “muda de assunto” e quer os pormenores da morte de Agamenão. E, pela primeira vez, vem propriamente uma narrativa, como já temos observado. Vem no fim, novamente, uma exortação a Telêmaco; entretanto, Nestor já não lhe pede vingança, mas pede que volte e vá cuidar do patrimônio. Nestor sabe (o poeta sabe) que cabe a Ulisses a vingança; mais uma vez a diferença entre o retorno de Agamenão e o de Ulisses é evidenciada: Orestes vingara a morte do pai, mas Ulisses não morrerá no retorno e, assim, não cabe vingança a seu filho.

4.a (C. IV, v. 316-537) — Telêmaco continua buscando informações sobre o pai. Continua sua iniciação, em que ele é provado e catequizado.

5.a (C. XI, v. 387-460) — A primeira descida de Ulisses aos infernos faz parte de sua “aprendizagem” antes de voltar a Ítaca. Em primeiro lugar, Tirésias fala das tribulações que aguardam Ulisses; depois sua mãe, Anticleia, fala de Ítaca. Após um corte em que o poeta faz a cena voltar ao país dos feácios, volta-se ao Hades e falam Agamenão e Aquiles, justamente os dois heróis cujo destino é posto em paralelo com o de Ulisses.

6.a (C. XXIV, v. 24-202) — Pela segunda vez no Hades, Ulisses tem seu destino comparado ao de Agamenão — que foi horrível — e ao de Aquiles — que foi glorioso. Mas Ulisses, nesse momento, já cumpriu também seu destino cheio de sucesso, e isso o poeta consegue ressaltar com eficiência colocando imediatamente em seguida a esse diálogo do Hades a narrativa da visita de Ulisses a seu pai, Laerte. A união de Ulisses à sua casa é o coroamento de seu sucesso.

Um resumo poderá mostrar os diferentes momentos em que a história de Agamenão é trazida ao poema, quer simplesmente como história, quer como lição: no início e no final, a lição é para todos; na Telemaquia, é para Telêmaco; na *Odisséia* propriamente dita, é para Ulisses.

Tema da impiedade	INTRODUÇÃO	lição (para todos)	C.I, v. 29 ss. — Na proposição do poema: reflexões iniciais que pautarão o tema central. Paradigma (para a humanidade): Egisto. Não é, ainda, nem <i>Telemaquia</i> nem <i>Odisséia</i> propriamente dita; há, para todos os homens, puramente uma lição.
Tema do retorno	TELEMAQUIA	mais lição que história (para Telêmaco)	C.I, v. 298 ss. — No momento em que Telêmaco é exortado a assumir o estatuto de adulto. Paradigma: Orestes. C.III, v. 103-200 — Telêmaco está cumprindo o “ritual” de iniciação, a conselho de Atena; a primeira etapa é Pilo. Paradigma: Orestes. C.III, v. 230-238 — Telêmaco duvida de sua força. Atena usa o exemplo de Agamenão para reanimá-lo.
		história e lição (para Telêmaco)	C.III, v. 240-312 — Telêmaco faz sua viagem (“ritual”). A história vem como narrativa de fatos, mas no fim há conselho a Telêmaco.
		mais história que lição (para Telêmaco)	C.IV, v. 316-537 — É ainda a viagem de Telêmaco; é a segunda etapa, Esparta.
	ODISSEIA	história e lição (para Ulisses)	C.XI, v. 387-460 — Na descida ao Hades (narrativa a Alcino), antes da escolha decisiva de Ulisses e sua opção pela condição humana: ele é totalmente posto em contacto com Agamenão fracassado.
Tema da impiedade	CONCLUSÃO	lição (para todos)	C.XXIV, v. 24-202 — Depois do regresso de Ulisses, há o confronto dos fatos. Como no início, agora que se encerrou a <i>Telemaquia</i> , assim como a própria <i>Odisséia</i> , há uma lição para todos.

IX — O TEMA DO RETORNO

Diz A. B. Lord⁽²⁴⁾ que há similaridade entre os poemas homéricos e outros poemas orais quanto aos elementos narrativos essenciais. Mudam os pormenores, mas os temas narrativos básicos são preservados.

Um desses é o tema do retorno. Particularmente significativa é, então, a história de Agamenão, como fundo que acompanha a história de Ulisses. Nessas histórias de heróis que retornam ou retornaram há um núcleo comum em torno do qual se compõem as diferenças. Há, por exemplo, um ritual centrado em momentos de transição, e a continuidade de vida é garantida pelo sacrifício e purificação.

Podemos encontrar, como mostra C. Segal⁽²⁵⁾, o significado ritual do retorno como transição, na *Odisséia*.

	RETORNO	: TRANSIÇÃO
	ULISSES	AGAMENÃO
PA RA- LELO	<ul style="list-style-type: none"> — sangue (*); — em um banquete; — contém elementos rituais (com fogo e sacrifício); — vida; — sucesso (**); — purificação (**); — ritual positivo (banho restaurador); 	<ul style="list-style-type: none"> — morte; — derrota (**); — poluição (**); — ritual sinistro (***);
ANTI- TESE	<ul style="list-style-type: none"> — VENCE no momento da transição; — continuidade da linhagem; 	<ul style="list-style-type: none"> — FALHA no momento da transição; — ameaça para a linhagem (perseguição a Orestes etc.).

(24) *Op. cit.*

(25) "Transition and ritual in Odysseus' return". In: *La Parola del Passato. Rivista di Studi Antichi*. Roma, 1967, p. 321-342.

(*) Paralelo acentuado pelas fórmulas. Observar: *dápedon d'hápan haimati th ýn* (XI, 420; XXII, 309; XXIV, 185).

(**) Como consequência das associações rituais e de purgação.

(***) Observar: *hos tis te katéktane bo ýn epi phátnei* (IV, 535) e *kteínon < th'*

hos te > s ýes agriódontes (XI, 413). Observar, ainda, os sacrifícios de Egisto, em III, 273-275.

X — CONCLUSÃO

Estabelecida a relação entre o retorno — e, portanto, o fado — de Ulisses e o de Agamenão, vai ela sendo conduzida até o final, onde se depura, de todo o complexo confrontado, um nítido contraste entre os dois heróis. Oposto o retorno, oposta também a figura de cada um deles, no seu desempenho e no seu significado.

Se, por um lado, como vimos, a história de Agamenão aparece tanto na primeira vez como na última ilustrando o tema da impiedade — através de Egisto, no início, e dos pretendentes, no final —, por outro lado não há um paralelo final entre Egisto e os pretendentes. O que se mostra é a afinidade entre Agamenão e os pretendentes, e isso se compõe através do tema do retorno, pois o fracasso de Agamenão e o sucesso de Ulisses — calcado no fracasso dos pretendentes — explicam essa aproximação. Parece, assim, que, embora o Canto XXIV já não trate do retorno de Ulisses, de há muito ocorrido, é esse o tema que sobreleva ao da impiedade: não é a semelhança (tema da impiedade) entre Egisto e os pretendentes que se acentua⁽²⁶⁾, mas o contraste (tema do retorno) entre Ulisses e Agamenão. A evidência da reintegração de Ulisses à sua casa, acentuada, na construção do poema, pelo estabelecimento de uma linha de descendência cujo elo de ligação é Ulisses (Laerte - Ulisses - Telêmaco) é a mais segura prova de *nóstos* completo. Mais que vitória e salvação para Ulisses, seu retorno significa vida para os gregos e para sua linhagem⁽²⁷⁾. Mais que fracasso e perdição para Agamenão, seu retorno traz, em cadeia, perigo para sua descendência.

(26) Entretanto, veja-se a unificação que há entre o começo e o fim, quanto à impiedade de Egisto e dos pretendentes: no Canto I, quem leva a admoestação de Zeus ao impiedoso Egisto é Hermes; no Canto XXIV, também, é Hermes que chama as almas dos pretendentes, a quem fora justamente lançado o caso de Egisto como paradigma.

(27) Notar, como observa Segal (*op. cit.*, p. 333), a alegre fala de Laerte, rejuvenescido após seu banho — C. XXIV, v. 365 ss.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDIÇÃO

- L'Odysée* — "Poésie Homérique". Texte établi et traduit par Victor Bérard. Paris, Les Belles Lettres, 1967. 7 ed.
 Homero — *Odisséia*. Introdução e notas de Méderic Dufour e Jeanne Raison. São Paulo, Dufusão Européia do Livro, 1960.

BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

- Fenik, B. — *Studies in the Odyssey*. Wiesbaden, Steiner Verlag, 1974.
 Lord, A.B. — "Homer and other epic poetry" — In: Wace-Stubbings ed., *A Companion to Homer*. London, Macmillan, 1967.
 Segal, C. — "Transition and ritual in Odysseus' return". In: *La Parola del Passato. Rivista de Studi Antichi*. Roma, 1967.

SUMMARY

The *Odyssey* records the deeds of Ulysses (*Odysseus*). But the story of this hero is illustrated and enlarged as it is contrasted to the acts of the other heroes. As the central theme of the epic poem is developed, a special comparison is established between the fate of Ulysses — which is particularly concentrated on his return (nostos) — and that of Agamemnon. A technique guides the gradual insertion. The structure of the work carefully shows the convenience of the intervention, raises comparisons, points out similarities and contrasts, stresses models. Thus the story of Agamemnon is not in the *Odyssey* as a mere remembrance of facts; it represents rather a paradigm and constitutes an exhortation. Thus it has an importance for the whole meaning of the work.

RESUMÉ

L'Odysée raconte les exploits d'Ulysse (*Odysseus*). L'histoire du héros, cependant, ne se rend célèbre et ne s'élargit que dans la mesure où ses exploits sont comparés à ceux des autres héros. Pendant le développement du thème central de l'épopée, une confrontation s'établit, surtout entre le fatum — qui se concentre notamment sur le retour (nostos) — d'Ulysse et d'Agamemnon. Son insertion graduelle est commandée par une technique précise. La structure de l'ouvrage prévoit soigneusement l'opportunité des moments où surgit l'intervention, elle pose des comparaisons, met en relief des ressemblances et des contrastes, elle fait ressortir des modèles. Ainsi, l'histoire d'Agamemnon n'entre-t-elle pas dans l'*Odysée* comme un simple souvenir de faits, mais elle représente un paradigme et se présente comme une exhortation. Donc, son importance est grande dans la signification globale de l'ouvrage.

Masa Nomura

POESIA CONCRETA EM LÍNGUA ALEMÃ

1. *A poesia concreta: definição*

Para Eugen Gomringer, um dos iniciadores do movimento concretista na Suíça ⁽¹⁾, a poesia concreta é hoje o conceito máximo para um grande número de experiência poético-lingüísticas, cuja característica principal — seja ela chamada "constelação" ou "ideograma", — é a consciente observação do material lingüístico — este considerado como a soma de todos os signos com os quais fazemos poesia — e de sua estrutura.

Segundo Ernst Jandl, teórico e autor de diversos poemas concretistas, a poesia concreta é a poesia feita com o elemento da língua. O poema concreto é um objeto, não um enunciado sobre um objeto. Ele torna efetivas as potencialidades existentes dentro da língua. Sua estrutura surge do encontro de elementos do mesmo nível. Na poesia concreta, a palavra aparece isolada, e esta se encontra com outra palavra isolada. As vezes, as palavras são enfileiradas em versos econômicos e, com freqüência, acham-se organizadas na superfície do papel, como um poema visual que, foneticamente, pode ou não ser realizado em uma forma plena.

Os primeiros poemas concretos surgiram em inícios dos anos 50, com Gomringer, que iniciava as suas "Konstellationen" na Suíça, e com o grupo "Noigandres", que se formava no Brasil ⁽²⁾. Os brasileiros anunciaram o fim da época his-

(1) *Eugen Gomringer* — Nascido em 1925 na Bolívia, de pai suíço e mãe boliviana de sangue índio, educado na Europa. Gomringer dirigiu, entre 1957-58, o setor de imprensa da Escola Superior da Forma ("Hochschule für Gestaltung") em Ulm, Alemanha. Em 1953, publicou um volume de poemas em: alemão, inglês, francês e espanhol com o título "Konstellationen". Em 1955, lançou o manifesto "Do verso à constelação: função e forma de uma nova poesia".

(2) Diz Haroldo de Campos: "Na década de 50, com o advento da poesia concreta, lançada pelo grupo de poetas reunidos em torno da revista paulista "Noigandres", criou-se no Brasil, pela primeira vez em termos his-

TEXTO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA «JULIO DE MESQUITA FILHO»
INSTITUTO DE LETRAS, CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO DE
ARARAQUARA — DEPARTAMENTOS DE LETRAS

TEXTO	ARARAQUARA	Ano III - N.º 3	p. 1-144	1977
-------	------------	-----------------	----------	------